RESENHA

El Abuso de la Belleza – la estética y el concepto del arte – Arthur C. Danto. Trad. Carles Roche. Buenos Aires: Paidós, 2005.

Susana de Castro (UFRJ/PPGF)

Como o próprio Danto deixa claro na introdução (p. 50), este livro constitui o terceiro volume de sua filosofia contemporânea da arte. No primeiro, **Transfiguração do Lugar Comum**, publicado nos EUA em 1981, descreveu o que se pode chamar de uma *ontologia da obra de arte*; e, no segundo, **Depois do Fim da Arte**, publicado em 1997, desenvolve uma *história filosófica da arte*. Neste terceiro volume, aborda *o papel da beleza e da estética na arte contemporânea*. Em todos os três volumes, Danto relata como a (sua) filosofia da arte surge na década de 60, mais precisamente em 1964, quando Andy Warhol expõe as suas cópias das caixas de Brillo Box. Pede desculpas ao leitor deste terceiro volume pela repetição do exemplo, mas reforça o valor que atribui especificamente a esta obra. Entender a contribuição de Danto para a filosofia da arte significa entender o quanto a obra de Warhol aproximou a arte da filosofia, ou, em outras palavras, transformou a arte em filosofia.

Em poucas palavras, pode-se dizer que assistimos na obra de Warhol a retomada da visão duchampiana da arte como pensamento. Não importa o que se vê, mas sim o que se quer comunicar com a obra, qual o significado dela para o artista. Duchamp pertenceu ao movimento europeu dadaísta. Para tais artistas, testemunhas dos horrores da 1. Guerra, associar as belas artes à beleza e ao bom gosto, à moral e à piedade, representava um cinismo frente aos horrores a que a chamada civilização ilustrada fora capaz de produzir. Como mostras de seu repúdio a este cinismo, empregaram em suas obras materiais e formas aparentemente destituídas de beleza, como recortes de jornais, e realizavam apresentações e performances efêmeras e em lugares inusitados, longe dos museus. Quando Duchamp envia para uma exposição a peça intitulada 'Chafariz', constituída unicamente por um urinol comprado na loja de materiais hidráulicos, dá o primeiro passo em direção ao que convencionou-se chamar de 'arte conceitual'. Não interessava mais a ele, como artista, a produção de 'imagens', ou objetos para serem vistos, mas sim a produção de obras que levassem a pensar, a discutir a respeito do seu significado, e das intenções do artista. Rompe-se, aqui, na história da arte contemporânea com um paradigma da arte marcada pela ideia clássica de autoria. Do

ponto de vista material, podemos afirmar que 'Chafariz' não é de autoria de Duchamp já que se trata de um produto industrializado, porém o que importa é o que ele agrega a este produto industrializado em termos de ideia e pensamento. A arte do século XX vai aos poucos rompendo com os ideais pictóricos, de beleza e harmonia, e se aproximando do seu 'fim'. A filosofia da arte de Danto é marcada pela perspectiva hegeliana da arte. Para Hegel, na medida em que a arte fosse se distanciando de seu papel de mimesis da natureza e de meio para a religião, o adorno e a arquitetura (arte aplicada) e entrasse no universo propriamente artístico e cultural ela tomaria consciência de si, enquanto produção do espírito e não da natureza. Ao adentrar no universo do espírito, que tem consciência de si, ou seja, se percebe enquanto espírito, a arte no sentido tradicional, pictórico, acabaria. Para Danto, a obra de Warhol representa esse fim. Nela não vemos mais traços de uma busca pela representação daquilo que está fora do pensamento, do chamado 'real' natural, o original. Seu tema é sempre um produto do espírito, de cultura (de seu tempo), daí as suas escolhas temáticas, como a sopa de Campbell, as fotos de estrelas do cinema, as manchetes de jornais, as histórias em quadrinho etc.

Ao escolher temas tão 'vulgares' para o gosto refinado, como latas de sopa, comidas industrializadas, objetos trivais de uso comum, como gravatas e utensílios domésticos, os artista de vanguarda da década de 60 estavam claramente questionando as fronteiras entre a as belas artes e as artes ordinárias, como as de massa, e também as fronteiras entre o plano 'superior' do gosto estético e o da vida ordinária, com todo o impacto que a propaganda sobre ela. Este momento da vanguarda pop dentro da história da arte contemporânea coincide com a discussão encetada pelos positivistas lógicos sobre a impossibilidade de dar significado objetivo a termos como 'beleza'. A análise da linguagem mostra que vários conceitos filosóficos carecem de definição rigorosa, seu entendimento dependendo, na verdade, do contexto em que tais palavras são empregadas. Isso ocorre com o conceito de 'belo'. Ela funcionaria mais como uma exclamação ou uma interjeição do que propriamente como a apresentação na frase de um significado a que todos facilmente entenderiam. Afiliado intelectualmente à escola da filosofia analítica, Danto vislumbrou com o surgimento da vanguarda pop a possibilidade de associar seus interesses filosóficos com seus interesses artísticos, e produzir uma filosofia da arte. A filosofia da arte em nada se assemelharia à disciplina da estética, pois ao contrário desta, não está preocupada como belo ou com o bom gosto. Inclusive, dada a mudança de paradigma nas artes, da 'visão' para o 'conceito' ou pensamento, a existência de uma disciplina acadêmica como a estética parece ser

supérflua. As vanguardas artísticas, desde o movimento dadaísta, privilegiam o oposto da beleza, ao invés de agradar o consumidor de arte, querem provocá-lo, causando-lhe muitas vezes, inclusive, a repugnância. Para Danto, a vanguarda pop deu lugar na história das artes contemporânea as 'arte abjeta' – 'deu lugar' no sentido de causação; a segunda não teria surgido sem a primeira. A arte abjeta não só quer manter a aproximação entre belas artes e artes ordinárias (ou temas ordinários da vida), mas quer também nos aproximar do que consideramos repugnante. Os artistas vanguardistas que promovem esta aproximação de coisas repugnantes (para um gosto civilizado puritano), como a pornografia (ex. as fotografias de Robert Mapplethorpe), ou mesmo universalmente repugnantes, como na obra de Damien Hirst, 'A Thousand Years' (1990; Danto, p. 92: o artista expõe a cabeça de uma vaca em estado de putrefação), não criam em momento nenhum a expectativa de que suas obras venham a ser chamadas de belas em um futuro não muito distante. Não se trata de expor a obra à provação dos limites temporais, mas uma total aversão à possibilidade dela estar vinculada a algo como a beleza. Como Danto vai pontuando ao longo do livro, a arte repugnante não é um completo *novum*. É possível acharmos ao longo da história da arte, obras que também tinham esse caráter, como, por exemplo, 'O príncipe do mundo', uma escultura gótica alemã de 1310 (Danto, p. 93 e seg.).

O belo tem a ainda algum lugar na arte contemporânea? Para Danto, a aparição espontânea de altares improvisados por toda Nova Iorque após o atentado de 11 de setembro, lhe deu provas de que em momentos extremos da vida, a necessidade da beleza está profundamente arraigada no ser humano (p. 51). Se, por um lado, é possível afirmarmos que a beleza é extrínseca ao 'Chafariz' de Duchamp, isto é, ela não faz parte do seu significado, por outro, também podemos dizer que ela é intrínseca à obra 'Elegies for the Spanish Republic', de Robert Motherwell (Danto, p. 49). A questão central do livro é a de explicar a presença dessa beleza intrínseca na obra de alguns artistas contemporâneos.